

Para acabar de vez com a Educação Artística

Teresa Torres Eça¹

Resumo

As terminologias usadas em português e espanhol para designar a educação através da apreciação, análise crítica e produção artística são extremamente ambíguas e conflituosas levando a interpretações por vezes redutoras das potencialidades desse tipo de educação. Proponho que se abandonem de uma vez por todas os termos educação artística que releva da formação de artistas e o termo anglo-saxónico arte educação que é extremamente ambíguo. Parto da ideia de que debaixo de um conceito comum de Educação Cultural poderíamos afastar-nos de vez dos circuitos novecentistas das artes e nos aproximar da esfera dos estudos culturais e pergunto se o termo Educação da Cultura Visual poderá ser mais consensual e apropriado às nossas sociedades.

Palavras chave: Educação artística, arte educação, educação para a cultura visual

Abstract

The used terms in Portuguese and Spanish language to name education through art appreciation, critical analysis and artistic production are conflicting and extremely ambiguous, leading to narrow interpretations of its educational field. I propose that we should not use terms such as 'artistic education' which is usually connoted with artistic training or instruction or the translation of the English term 'art education' which is terribly ambiguous. My hypothesis is that following the common umbrella of the concept of Cultural Education we could dismiss nine century assumptions about art and closely relate our theories and practices to the field of cultural studies and I ask if the term Education of Visual Culture might be more consensual and appropriate to our societies.

Keywords: Artistic Education; Art Education; Education of Visual Culture

Termos

As terminologias usadas para designar a aprendizagem através da apreciação, análise crítica e produção artística são extremamente ambíguas e conflituosas levando a interpretações por vezes redutoras das potencialidades desse tipo de educação. Proponho que se abandonem de uma vez por todas os termos educação artística que releva da formação de artistas e o termo anglo-saxónico arte educação que é extremamente ambíguo.

Em Portugal , no ensino formal utilizamos termos como Educação Visual, Educação Musical que relevam da educação cultural mas também utilizamos termos como Oficina de Expressão Dramática, Oficina de Artes , etc. Os termos oficinais seriam interessantes se estivessem mais ligados ao conceito de oficina medieval e não ao conceito de atelier modernista no caso das artes visuais. Outros termos como ensino da arte, educação

¹ Doutora em Arte/Educação pela Universidade de Surrey Roehampton (UK), Professora do ensino secundário na Escola Secundária Alves Martins (Viseu, Portugal) e investigadora no Centro de Investigação em Educação e Psicologia (Universidade de Évora , Portugal). Actualmente é presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV, Portugal) e representante da Europa no Conselho Mundial da Sociedade Internacional de Educação Através da Arte (InSEA).

pela arte ou pelas artes, através das artes, arte educação foram extremamente importantes após a segunda guerra mundial, sob a orientação teórica de Sir Herbert Read que abriu os horizontes para a utopia da educação através da arte.

O termo arte educação conota uma aculturação aos conceitos de ensino das artes veiculados pelos discípulos do DBAE. Historicamente foram importantes e contribuíram para a legitimidade da educação incluindo disciplinas artísticas no currículo da educação formal. No entanto parece-me que para o nosso tempo, precisamos de modelos educativos (em contextos formais e não formais) sem disciplinas estanques baseados na transversalidade e no trabalho de projecto. Precisamos de alargar horizontes e redefinir termos e conceitos chave, por isso, proponho que se reflecta sobre as designações utilizadas para definir a nossa área de educação e que se encontre um consenso terminológico adequado às nossas sociedades.

As mudanças no ensino da arte durante o século vinte foram extremamente grandes, existe hoje um maior compromisso com a cultura e com a história. Até os inícios dos anos 80 o compromisso da Arte na Escola era apenas com o desenvolvimento da expressão pessoal do aluno. Hoje à livre expressão, a Arte-Educação acrescenta a livre- interpretação da obra de Arte como objectivo de ensino. O slogan modernista de que todos somos artistas era utópico e foi substituído pela ideia de que todos podemos compreender e usufruir da Arte (BARBOSA, 2002, p. 17). Segundo Ana Mae Barbosa hoje os 'arte educadores' visam o desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. Mas ao que parece nem todas as culturas são desenvolvidas, as culturas das classes sociais mais desfavorecidas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação dessas classes (BARBOSA, 2002, p. 20).

Âmbitos

A arte educação e a educação artística não são designações consensuais e por vezes provocam malentendidos. No entanto designam uma área reconhecida como essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança e do indivíduo. Através de uma pedagogia das artes desenvolvem-se inteligências múltiplas, habilidades e competências diversas que de outro modo não seriam desenvolvidas. Uma pedagogia que parta da maneira de compreender o mundo e o ser através das artes promove altas habilidades, ajuda a desenvolver a criatividade e a motivação. Ajuda a compreender e utilizar expressões artísticas e a compreender as emoções e os sentimentos. Desenvolve a personalidade e a descoberta do conhecimento. Através da criatividade e motivação, desenvolve

habilidades intelectuais tais como capacidades de percepção e memória, de organização e relacionamento de informação, de análise e de síntese, de raciocínio e de resolução de problemas. E desenvolve habilidades de comunicação e de relacionamento intrapessoal e interpessoal, compreensão dos seus sentimentos e dos sentimentos dos outros.

Para além destas funções pedagógicas e psicológicas a arte educação/educação artística têm também uma função social extremamente importante, e reconhecemos que através da arte educação a todos os níveis e em todos os contextos de educação formal e não formal podemos trabalhar questões sociais emergentes de um modo único e eficaz. Creio que neste momento crítico da sociedade face à fragmentação social, a uma cultura global dominante de competição, de violência endémica e de intolerância cultural, paradigmas da educação baseado nos processos artísticos pode ser uma via de transformação cultural e social. A investigação no âmbito da educação artística/ arte educação tem demonstrado que tal é possível através do processo da aprendizagem e utilização de linguagens artísticas.

Educação, Artes e Cultura

Acreditamos que actualmente, o conhecimento básico dos indivíduos nas sociedades pós-industriais deva incluir inteligências flexíveis, competências criativas verbais e não verbais, capacidades de pensar criticamente e com imaginação, compreensão intercultural e empatia para com a diversidade cultural. O contributo de uma pedagogia centrada nas artes é essencial para atingir essas metas. Mas o conceito de 'artes' pode também ser perverso porque é um termo com uma carga histórica muito pesada e com interpretações diferentes segundo diferentes contextos temporais, geográficos e culturais e pode ser: Arte, arte, artes, artístico, arte popular, arte elitista, arte urbana, todas são designações em constante mutação que veiculam ideologias específicas. Muita gente interpreta artes como um conjunto elitista de artistas e de obras que foram reconhecidos por uma comunidade específica em determinado tempo e separa as artes a partir dos meios: escrita criativa (poesia, literatura), artes visuais, música, dança, drama, artes performativas, etc. Mas, hoje em dia, não é mais possível fazer separações de meios, porque as artes se interpenetram, se misturam e saltitam entre áreas.

Debaixo de um conceito comum de Educação Cultural poderíamos nos afastar de vez dos circuitos novecentistas das artes e nos aproximar da esfera dos estudos culturais. Sob Educação Cultural englobo o estudo e a prática de todas as áreas de expressão e comunicação visuais, orais, dramáticas, musicais, cinestésicas e multimediáticas fomentando a experiência e o conhecimento estético através dos eixos da compreensão,

da crítica e da produção nas diferentes áreas de expressão, comunicação e produção artísticas. Não é que o termo 'arte' me repugne, mas existem tantas concepções de arte nas variadas comunidades de discurso, mesmo nas comunidades restritas à área da educação, que me parece difícil continuar a usar o termo 'artístico' ou 'arte' na educação. *Arte* pode designar um conceito extremamente elitista, pode ser reduzido a uma determinada esfera geográfica, a um reduto temporal limitado, pode ser limitador de técnicas, de materiais e de instrumentos. Quando um professor me fala de arte visual ou de artes visuais não sei se está a falar só de artistas ocidentais, não tenho a certeza se está a incluir cinema, banda desenhada, artesanato, arte popular urbana, design. Não sei se está também a referir a produção artística da chamada 'low culture'. Na maior parte das vezes está apenas a falar da arte que se encontra nos grandes museus nacionais, nas grandes fundações e nas mega exposições. Está a falar de artistas maioritariamente brancos, homens e ocidentais, deixando de fora mais de dois terços da produção cultural em suportes visuais da humanidade.

Educação , artes visuais e cultura

No contexto das escolas do ensino básico e secundário² em Portugal e em França, pelo que me foi dado a saber através de entrevistas, análise de manuais escolares e de programas nacionais, arte visual, educação e cultura são áreas completamente estanques. Os professores de arte consideram-se 'artistas' primeiro e desvalorizam a sua função de educadores. Aplicam os mais rigorosos procedimentos da metodologia bauhausiana na sua leccionação e acreditam que todos os alunos devem saber fazer produções artísticas no âmbito das artes plásticas e do design. Alguns professores fomentam a análise formal e contextual de objectos da cultura visual, mas a maioria limita-se a análises formais para a compreensão dos objectos culturais. Para todos eles arte escreve-se com A maiúscula e reduz-se a muito poucos exemplos. E a educação reduz-se à transmissão de conhecimento acrítico.

Éduquer, dans un pays démocratique, c'est faire de chaque être un citoyen. Mais cette éducation à la citoyenneté suppose non seulement l'acquisition de connaissances minimales, mais aussi le développement du sens critique. Rien n'est plus néfaste que l'ignorance totalitaire qui est paradoxalement combattue et entretenue par le pouvoir politique... et par les éducateurs eux-mêmes. (SAVATER, 1999, s/pg)

Como diz Savater nada é mais nefasto do que a ignorância totalitária. E por isso acredito que algumas questões que se colocam neste momento aos educadores e à educação em geral devam ser debatidas na comunidade de profissionais da educação cultural. Alguns

² idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos

slogans, pseudo-teorias de moda podem ridicularizar as grandes finalidades da educação, quando nos desviamos para métodos mais ou menos turvos como por exemplo o tão famigerado slogan 'aprender a aprender', mas aprender a aprender o quê? Podemos aprender a aprender sem aprender nada em particular, ou aprender qualquer coisa. Se retirarmos à aprendizagem dos seus conteúdos concretos, com o que ficamos? Então porque é que não acabamos de vez com a educação e nos dedicamos à beatificação da idiosincrasia e da ignorância? Nesse caso não precisamos de educação para a cultura porque ninguém vai precisar criticar nada, apenas consumir. Podemos ficar-nos apenas com uma educação para formar públicos para consumo da cultura. Isto a meu ver é a mais pura das ignorâncias e infelizmente uma tendência muito comum entre os ministérios da educação e da cultura. É certo e sabido como a pedagogia crítica e, em especial, Giroux (1990 y 2002) denunciaram em várias ocasiões que a descapitalização intelectual fomentada pelo controle do poder institucional nas escolas favorecendo interesses políticos e económicos está a converter os professores em meros transmissores de conhecimentos 'prefabricados y predigeridos, ya listos para uso' (ARRIAGA, 2007). Cada vez mais as narrativas se podem tornar perigosas quando são apropriadas por interesses económicos ou grupos de poder e são pervertidas as finalidades das disciplinas (sejam elas educação musical, visual, artes visuais, dança, drama, etc), narrativas centradas na instrumentalização das artes como meio para remediar problemas sociais, para ensinar educação sexual, educação para a cidadania, educação ambiental. Claro que isso tudo pode ser feito através da compreensão, interpretação e produção artística. Mas não podemos deixar que a finalidade primeira, a aprendizagem específica das artes se secundarize ou até desapareça em projectos que acabam por relegar a educação cultural/artística para espaços extracurriculares do ensino. Porque talvez não interesse ao poder favorecer a educação cultural que promove a 'literacia' cultural e o sentido crítico, ou seja a formação de cidadãos críticos.

Lawrence Lessig, um dos fundadores do Creative Commons Licence, no seu livro 'Free Culture' alerta para os perigos das grandes empresas dos media, que associados com as leis de direitos estão a limitar o acesso à cultura e a controlar a criatividade. A era digital trouxe grandes avanços tecnológicos e um maior fluxo de informação, mas ao mesmo tempo, os governos e as empresas estão a bloquear os benefícios desses avanços com leis de protecção que negam o acesso à aprendizagem dos códigos, dos instrumentos e das ferramentas com que a informação pode ser criada, processada e manipulada. As escolas debaixo de um grande estandarte de promoção das NTI estão a pactuar com os interesses das grandes multinacionais e não estão a oferecer aos estudantes a possibilidade de aprenderem a manipular criativamente as NTI, fomentando apenas o ler e não a crítica e a criatividade. A educação está a promover apenas consumidores de

informação, receptores passivos. Mas, segundo Lessig, o século vinte e um poderia ser diferente se, se apostasse mais no desenvolvimento da literacia áudio visual, na aprendizagem da 'leitura e da escrita' com ferramentas audiovisuais. Uma aprendizagem baseada na criatividade e na compreensão crítica, se se ajudassem os estudantes a entender como "comunicar na linguagem do século XXI", uma linguagem que passa necessariamente pelas imagens e pelo multimédia.

Nos últimos anos, várias vozes têm vindo a advogar pela entrada em cena da cultura visual. A cultura visual, como campo transdisciplinar ou pós-disciplinar, apresenta-se como um espaço de convergência possível, procurando responder as questões da visualidade que se entrelaçam, como por exemplo, a história da arte, a estética, a teoria fílmica, os estudos culturais, a literatura e a antropologia. (MARTINS, 2007, p. 24) A cultura visual reformula as práticas do ver, na educação isso implica um enfoque muito grande sobre a compreensão dos objectos tanto a partir da estética, como da semiótica e da sociologia. A implicação dessas práticas têm vindo a ter impacto sobre a compreensão das imagens 'tratadas não como simples representações da realidade, mas como construção de novas realidades' (MARTINS, 2007, p. 29).

'Educação da Cultura Visual'

Acredito que o termo 'Educação da Cultura Visual' seja hoje o mais apropriado para o que pretendemos fazer na educação artística através das artes visuais, para ajudar as crianças e os jovens a construir as suas identidades, para lhes proporcionar o desenvolvimento dos seus potenciais, das suas inteligências e para os ajudar a adquirir valores éticos sólidos para que possam exercer o seu direito à cidadania. E, sobretudo, porque me parece que hoje em dia as fontes de informação e de conhecimento são de fácil acesso e muitas vezes transmitidas também por imagens. A educação para a cultura visual tem um papel crucial no desenvolvimento de capacidades de análise, de crítica, de selecção e de criação. No entanto, não reduzo a Educação para a cultura visual à leitura crítica de imagens ou de objectos culturais visuais, parece-me que não se deva esquecer os três grandes eixos: compreensão (saber ver), análise crítica (saber interpretar) e produção (saber fazer). O saber fazer é essencial. Não o saber fazer 'obras de arte e de design' como artistas ou designers mas, o saber detectar e resolver problemas com recurso a métodos, instrumentos e materiais específicos da produção visual, qualquer que ela seja: gráfica, plástica, performativa, fílmica, multimediática, etc.

Mais ainda advogo que, para uma educação da cultura visual válida, seria fundamental romper os muros que separam as várias disciplinas e áreas do saber e que seja baseada

no questionamento e crítica das fontes de informação. Para tal, seria necessário repensar a escola como local de prazer, de curiosidade, de respostas possíveis e acabar de vez com a escola de resposta única, fragmentada, punitiva, competitiva e desfasada da realidade. Proponho uma revolução que tem vindo a ser anunciada desde os tempos da escola moderna mas que nunca teve lugar. Proponho uma escola para desenvolver inteligências, valores e cidadania, ao contrário da escola niveladora, evoco a pedagogia construtivista para fazer cidadãos. Tal como Fernando Hernández (2007), acredito que sejam necessários processos de subversão, como diz a minha amiga Maria Jesus Agra Pardiñas 'é preciso fazer a revolução'. É urgente romper com as práticas escolares estabelecidas e procurar proporcionar experiências aos estudantes que os levem a pensar como as imagens que os rodeiam influenciam os seus pensamentos, as suas acções, os seus sentimentos; ajudá-los a desenvolver a sua inteligência emocional, a trabalhar a interface entre cultura visual e indivíduo, a desenvolver as suas capacidades inter e intra pessoais e para isso a educação da cultura visual tem meios fortíssimos.

O processo do fazer artístico, as suas metodologias holísticas, o seu equacionamento de questões centrado na observação, na análise, na síntese, na ironia e na imaginação oferecem à educação métodos e instrumentos de indagação, de reflexão crítica e de criação de respostas. O questionamento visual é tão importante como o questionamento verbal, o pensar a realidade e o sonho através de processos do fazer visual é tão importante como o pensar a realidade e o mundo do ponto de vista das ciências e da filosofia, aliás, muitas vezes estes vários meios de pensar e de se pensar se entrecruzam. É nesse entroncamento que eu vejo a educação para o nosso tempo, uma educação que passa obrigatoriamente pelo saber ler criticamente e saber fazer ou manipular imagens e produtos multimedia. Uma educação em escolas ou lugares onde não existem disciplinas, nem horários, nem testes. Um lugar de compreensão, de produção e de criação através de projectos onde todas as disciplinas se cruzam e onde a avaliação seja autêntica. Para construir esse lugar precisamos rever tudo, desde o princípio, e se no princípio era o nome (verbo) então vamos começar pelo nome.

Subversão?

Mas para implementar o novo termo precisamos modificar os professores, não só com formação mas também e sobretudo com uma mudança radical de atitudes para com a arte, a educação e a cultura. Precisamos encontrar e reconhecer modelos de investigação próprios que gerem teoria a partir do fazer artístico. Precisamos revalorizar a profissão de educador frente ao lobby artístico e cultural, necessitamos, urgentemente de subversivos, gente capaz de ousar, imaginar e ironizar para que as mudanças possam ter

lugar. Não vale a pena esperar por grandes documentos governamentais que, mesmo que feitos com boas intenções, na prática acabam por falhar porque quem faz a escola são os professores e os alunos e não os papéis escritos por uma tal equipe ministerial. À falta de outros, dêem-nos educadores, professores que saibam usar a ironia como ferramenta pedagógica essencial, tal como diz Aguirre (2007), que saiba urdir projectos identitários fazendo conexões com projectos alheios. Porque toda a esperança está nos educadores, essas pessoas que são capazes de oferecer muito mais do que recebem, que não pretendem dar lições a ninguém e cujo objectivo principal é a partilha das suas experiências para construir o colectivo.

Momento Crítico

A educação das artes está a viver um momento crítico e perigoso na Europa, está em risco de sair das escolas, não há lugar para as artes na visão de educação que se apresenta. Temos uma escola tecnicista e 'anestesiadora', dirigida por um discurso educativo economicista. Um modelo de escola prisão ou um modelo armazém, um modelo passivo, de transmissão e recepção acrítica de informação. Esta narrativa não nos interessa. Proponho uma resistência activa para criar outra narrativa de escola em todas as frentes das comunidades onde nos inserimos.

Tal como foi dito no congresso Ibero Americano de Educação Artística, precisamos pensar os tempos e os espaços onde e como possamos estar presentes. Temos que nos tornar visíveis, temos que atacar em todas às frentes nas escolas, nos museus, em centros culturais, nas comunidades. Apostar na educação infantil, apostar na arte como elemento de reconstrução social, nas mudanças de baixo para cima, no processo artístico como processo de investigação. As nossas estratégias de actuação são demasiado passivas, defensivas, baseadas em práticas sem contexto. Estamos a ser ignorados, se calhar, já nem nas margens existimos, estamos de fora do discurso educativo e nem nos demos conta disso. Perdemos muito tempo a discutir superficialidades, existe pouca abordagem teórica, existem confusões entre objecto de investigação com teoria e com procedimentos de investigação, não podemos confundir a teoria com procedimentos. Precisamos definir estratégias de actuação, de resistência, de visibilidade, de ataque.

Essa resistência pode partir de uma actuação comum, partindo dos países ibero americanos, através de uma rede de investigadores e de educadores. Isto se conseguirmos superar as relações tensas entre países ex-colonizados e ex-colonizadores. O Congresso Ibero Americano de Educação Artística que foi realizado em finais de Maio de 2008 na cidade de Beja, em Portugal, proporcionou-nos uma

amostragem das dificuldades que enfrentamos e das realidades que temos. As suas conclusões são deveras reveladoras deste momento crítico. Existem relações tensas entre teoria e prática; tensões entre internacional e local; entre identidade e diversidade; entre conhecimento acadêmico e prático. No entanto, tais tensões são geradoras de um diálogo construtivo, podem promover a crítica. Vimos, nesse congresso, abordagens muito diferentes, constatei um consenso sobre o âmbito e a necessidade da educação artística /arte educação mas, um desacordo sobre as designações a adoptar. Surgiu, no congresso, a par da tendência para a narrativa da educação, das educação artística como pedagogia da aprendizagem cognitiva uma grande tendência para a narrativa da educação artística como pedagogia da expressão, do lúdico , centrada na produção de experiências, sem valorizar a aprendizagem. Mostraram-se lado o lado práticas posmodernas e práticas modernistas. Sentimos algum medo ou ausência da crítica. Fernando Hernández usou a metáfora do 'tudo bem', do 'vale tudo'. É muito difícil construir uma comunidade do 'tudo bem', do 'vale tudo', é preciso ser crítico e incorporar as formas da arte contemporânea . Ser crítico não é ser negativo, se sou crítico é porque me interessa, dizia Fernando Hernandez. Eu concordo com ele nesse aspecto. Vi demasiada 'celebração' de experiências educativas e poucas ' reflexões de fundo sobre teorias, modelos e práticas. Gostaria de ver mais impacto de investigação rigorosa no terreno. Mas, eu bem sei como em Portugal isso é difícil, porque os investigadores e os artistas vivem de costas voltadas para os educadores. Infelizmente vivo num país de mesquinices, de invejas, de provincianos no que toca ao mundo académico, fechado sobre o seu umbigo. Mas, eu acredito que isso possa mudar a breve prazo, aprendendo com os exemplos dinâmicos da investigação da Espanha e do Brasil e apostando nos jovens educadores/investigadores que estão colocando questões e procurando soluções viáveis. Partilho a esperança de Ana Mae, tentando seguir a sua fé e a sua coragem. Como ela vi como era importante atender às necessidades locais, à abordagem da teoria como consciência da prática, e ao sentido de pluralidade.

Utopia

E depois vamos pensar nos processos de subversão, que a calhar já estão em marcha, nas favelas do Rio de Janeiro, na Costa Rica, no Uruguai, em algumas associações de professores que trabalham em conjunto com a comunidade e universidades da Espanha. Ana Mae Barbosa no prefácio para o livro *Interdisciplinary Dialogues in Art Education* escreveu que a democracia exige arte educadores que se preocupem com as formas de dominação do passado, esta é a função principal dos intelectuais do período poscolonial especialmente no Terceiro Mundo. Eu diria que é a função principal em todos os mundos e hoje em dia mais que nunca face à dominação agressiva dos massmedia, à ignorância

totalitária promovida pelo poder político e económico que favorece o consumidor acrítico em vez do cidadão crítico e criativo capaz de ler e manipular as imagens que bombardeiam intermitentemente o seu dia a dia. Só através da reformulação dos problemas criados pelas hegemonias é que, nós os 'pobres do mundo' poderemos instalar os processos de ruptura necessários à construção de algo de novo. Por pobres, entendo todos aqueles que não têm acesso à compreensão crítica da cultura. Ana Mae conclui o prefácio, tal como eu o faria, se tivesse que concluir este artigo: 'A Democracia é uma utopia. Não desistam da utopia, os posmodernos proclamaram a sua morte mas, ela foi transformada em esperança, em exercício de imaginação. **Não desistam da utopia como exercício de imaginação.**

Talvez essa história dos modernistas, dos posmodernistas tenha chegado ao fim e estejamos na alvorada de uma nova ordem ou nova desordem, seja o que for eu nunca desistirei da ironia e da imaginação, condimentos essenciais para fazer um bom educador.

Referências

Arriaga, Imanol Aguirre (2007) 'arte, educacion e cidadania' Comunicação apresentada nas XORNADAS ARTE EN CONTEXTO. C.G.A.C. y Universidad de Santiago de Compostela.

Barbosa, Ana Mae (2008) Prefácio do livro 'Interdisciplinary Dialogues in Art Education' Eça, Teresa & Mason, Rachel (Orgs.) UK: Intellectbooks.

Barbosa, Ana Mae (2002). (Org.) 'Inquietações E Mudanças no Ensino da Arte' . Brasil, São Paulo: Cortez.

Giroux, H. (1990) Los profesores como intelectuales. Hacia una pedagogía crítica del aprendizaje. Barcelona: Paidós.

Giroux, H. (2002) Cine y entretenimiento. Elementos para una crítica política del film. Barcelona: Paidós.

Lessig, Lawrence (2004) 'Free Culture: How Big Media Uses Technology And The Law To Lock Down Culture And Control Creativity'. USA: New York: The Penguin Press.

Martins, Raimundo (2007) 'A Cultura Visual e a Construção Social da Arte, da Imagem e das Práticas do ver'. In: Oliveira , Marilda Oliveira de (Org.) Arte. Educação e Cultura. Brasil, Santa Maria: Ed. da USFM.

Hernández, Fernando (2007). 'Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma nova narrativa educacional'. Brasil, Porto Alegre: Editora Mediação.

Savater, Fernando (2005). «L'ignorance totalitaire», *Le Portique*, Numéro 4 - 1999 - *Eduquer : un métier impossible ?* , [On Line], Acedido em 2005. URL : <http://leportique.revues.org/document282.html>. Consulté le 5 novembre 2007.